

Sugestão - Transferência: Os relatos Clínicos de Freud

Silvia Leonor Alonso

São as próprias condições da situação analítica que abrem uma saída da estrutura narcísica que na transferência funciona como base da sugestibilidade

Apenas um longo mergulho na complexidade teórica e na precisão clínica permitiria afirmar, como Freud o fez em 1915, que o objeto mesmo do tratamento analítico é a transferência. Este trabalho foi realizado por Freud desde os "Estudos sobre a histeria" (1895) até "Recordar, repetir e elaborar" (1914), último de uma seqüência de textos nos quais elabora a teoria da transferência.

A transferência vai abandonando aos poucos um lugar de fenômeno marginal para ocupar um lugar central na cura, seja como objeto, seja como motor da cura, seja como instrumento fundamental nas mãos do analista.

Nesse percurso, vai-se produzindo uma inversão na relação entre os dois termos: sugestão e transferência. Se, no início do percurso, o campo é da sugestão e a transferência aparece como fenômeno secundário na clínica, ao final do caminho, o campo é o da transferência, sendo a sugestão uma de suas caras.

Busco aqui refletir sobre a relação existente entre estes dois conceitos — sugestão e transferência — e, com este fim, começarei em 1917, quando Freud publica as “Lições Introdutórias à Psicanálise”, uma série de conferências sobre temas teóricos e clínicos. Nelas, ao retomar o livro de Bernheim sobre sugestão (que ele próprio traduziu para o alemão), acentua que, embora tenha sido longo o trabalho que fez para se distanciar das terapias sugestivas, **a sugestão retorna na transferência**. Freud esclarece afirmando que limita como sendo sugestão a possibilidade de influência sobre um sujeito por meio dos fenômenos de transferência. Mas indaga-se, então: para que todo o desenvolvimento feito acerca do sentido dos sintomas, o inconsciente, a temporalidade, a sexualidade, a memória, se, por fim, voltamos a falar em sugestão? Freud procura então tranquilizar os ouvintes e enumera as muitas diferenças existentes entre a sugestão hipnótica e a sugestão na cura analítica:

1) Na terapêutica hipnótica, tende-se a encobrir e disfarçar algo existente na vida psíquica.

Na terapia analítica, tenta-se fazer emergir algo claro, precisamente para suprimi-lo depois.

2) A primeira age como um procedimento catártico.

A segunda se dá como um procedimento cirúrgico.

3) A primeira faz uso da sugestão para proibir os sintomas.

A segunda parte dos conflitos que engendram os sintomas para ir à raiz deles serve-se da sugestão para modificar o destino dos conflitos no sentido desejado.

4) A terapia hipnótica deixa o doente em absoluta passividade.

A terapia analítica exige do médico e do enfermo penosos esforços para levantar as resistências internas.

5) Os tratamentos sugestivos deixam a transferência sem nenhuma modificação.

O tratamento psicanalítico tem como objeto a transferência mesma, que deverá ser liberada no final do tratamento.

Vejamos como Freud refere-se a Bernheim: “Bernheim deu prova de um profundo entendimento, ao fundar sua teoria dos fenômenos hipnóticos no princípio de que todos os homens são, em uma certa medida, ‘sugestionáveis’, o que não é senão a tendência à transferência... Sem dúvida, este autor nunca pôde explicar seja a

Bernheim não viu o elo de dependência existente entre a sugestionabilidade e a sexualidade, ou seja, a atividade da libido.

natureza seja a gênese da sugestão... não tendo tampouco visto o elo de dependência existente entre a sugestionabilidade e a sexualidade, ou seja, a atividade da libido. Em relação ao que nos diz respeito, damos-nos conta de que, se antes excluímos a hipnose de nossa técnica analítica, descobrimos agora a sugestão sob a forma de transferência” (Pág. 2.401.Vol.II).

Como se ligam sexualidade e transferência em Freud?

Apontaria aqui dois eixos. O primeiro é sua descoberta — que não é a da sexualidade infantil

(disso Lidner e outros da sua época sabiam bastante) — da presença do infantil na sexualidade adulta, que o conduzirá até a idéia de repetição. Afirmará no texto “A dinâmica da transferência”: “As influências experimentadas na infância determinam em cada indivíduo a modalidade da vida erótica, fixando os fins da mesma, as condições nas quais os instintos haverão de satisfazer-se. Há, então, um clichê que é repetido ou reproduzido regularmente através de toda a vida, mas que também é suscetível de alguma modificação sob a ação das impressões recentes” (Pág. 1.648.Vol.II).

No seu texto “Mais além do princípio do prazer” — tendo a sexualidade infantil convergido num complexo nuclear, o complexo de Édipo — afirma: “Repete como atual, em lugar de lembrá-lo como passado. Essa reprodução traz em si sempre, como conteúdo, um fragmento da vida infantil e portanto do complexo de Édipo” (Pág. 2.514.Vol.III).

Em “Introdução ao Narcisismo” e “Psicologia das Massas”, Freud sugere um outro caminho para pensar a relação entre a sexualidade e a transferência. Afirmar Freud: “Considerando a atitude dos pais carinhosos em relação a seus filhos, observaremos um reviver e uma reprodução do próprio narcisismo, abandonado já há muito tempo. A hiperestíma, que já estudamos como estigma narcisista na escolha do objeto, domina, como se sabe, essa relação afetiva. Atribuem-se à criança todas as perfeições, o que em uma observação mais serena não fariam, e se negam ou se esquecem todos os defeitos.

Será o centro e o módulo da criação, his majesty the baby, conforme nós mesmos gostaríamos de ser, deverá realizar os desejos não realizados dos progenitores e

chegar a ser um grande homem ou um herói em lugar de seu pai; ou, se é mulher, se casará com um príncipe para tardia compensação de sua mãe” (Pág, 2.027.Vol.II).

Aos olhos dos pais, a criança aparece com todas as perfeições. Mas o desvio do olhar externo não o ratifica nesse lugar. A criança tenta então reencontrar o narcisismo pelo caminho da indentificação, a partir do próprio ideal do ego que se forma pelas exigências que vêm do exterior e das quais depende enormemente. É a constituição desse ideal o que lhe permite manter-se no lugar narcisista do qual não quer abrir mão.

Acontece às vezes que a satisfação narcisista pode encontrar obstáculos. Então, o caminho possível será o do ideal sexual: realiza-se uma escolha narcisista de objeto, ou seja, dota-se o objeto de todas as perfeições das quais ele carece. Nesse caso, diz Freud, o objeto teria alcançado o ideal do ego. Isso é o que acontece na situação do enamoramento. Mas, também, na hipnose: o hipnotizador que ocupou o lugar de ideal do ego converte-se, para o hipnotizado, no único objeto digno de atenção. O sujeito atribui ao hipnotizador um poder misterioso, e este afirma possuir tal força, empregando-a para ordenar ao sujeito que olhe nos seus olhos. Hipnotiza pelo olhar.

Podemos então afirmar que a sugestibilidade na hipnose se dá pela existência de um laço erótico na relação do hipnotizado como o hipnotizador, laço que, seguindo o modelo da escolha narcisista de objeto, coloca o hipnotizador no lugar do ideal do ego.

Qual o lugar dessa estruturação narcísica na transferência?

Para Freud, a cura por amor se dá na procura por recuperar o

narcisismo, amando aquele a quem se fez possuidor de todas as perfeições. Isso estabelece uma oposição entre a cura por amor e a cura analítica. O sujeito prefere a cura por amor à cura analítica e muitas vezes abandona a cura analítica para fundir-se numa relação amorosa desse tipo.

Freud também afirma que o sujeito iniciará o tratamento analítico com a esperança de alcançar nele a cura por amor e orientando a esperança de consegui-la sobre a pessoa do médico.

O fato de que a cura analítica não seja uma cura por amor não

Na hipnose, o hipnotizado, seguindo o modelo da escolha narcisista de objeto, coloca o hipnotizador no lugar do ideal do ego.

significa que não haja amor na transferência.

Para Freud, a hipnose e a transferência se juntam quando a transferência atua como resistência. Afirma: “essa situação do hipnotizado que mantém sua atenção fixa no hipnotizador encontra seu paralelo em determinados fenômenos do tratamento analítico. Pelo menos uma vez em toda análise, o sujeito chega a afirmar que não lhe ocorre nada, que nenhuma idéia surge na sua imaginação. As associações livres ficam detidas, e os estímulos que

normalmente as provocam permanecem ineficazes. Termina por confessar que pensa na paisagem que está vendo na janela, na cortina que a enfeita ou no lustre que pende do teto. Concluimos então que começa a experimentar a transferência, que está absorvido por idéias ainda inconscientes referentes ao médico, e vemos que volta a associar quando lhe explicamos seu estado” (Pág. 2.599. Vol.III).

Se em alguns casos a busca da cura por amor leva ao abandono da análise, em outros, tenta-se fazê-la imperar no interior da mesma. Freud, em “Observações do amor de transferência”, relata como uma mulher em análise pode declarar-se apaixonada pelo analista, solicitando ser correspondida nesse amor. Nesse momento, suspender-se-iam as associações e não haveria mais desejo de analisar-se. Momento agudo da resistência.

Detenhamo-nos nessa situação, a fim de entender o que nela acontece: — na medida em que a realidade psíquica dá lugar à pessoa concreta do analista, o espaço analítico se fecha. Busca-se a obtenção real de algo que deveria ser recordado, ou seja, reproduzido como material psíquico e, portanto, mantido no domínio do anímico.

Além do mais, ao centrar fixamente a atenção na pessoa do analista, as associações param, ou seja, a possibilidade de movimento psíquico e, portanto, de toda e qualquer transformação fica detida.

A cena muda totalmente, diz Freud, como se no meio de um espetáculo de teatro alguém gritasse “fogo”. Isso é, uma situação em que os movimentos dos jogos transferenciais, na qual a representação das diferentes e múltiplas personagens é constante, é substituída por outra na qual a libido se fixa num ponto e age

como alarme.

A paciente que ama o analista demanda ser amada por ele, já que quem ama perde parte do seu narcisismo e só pode compensá-lo sendo amado.

É ao redor da questão da **demanda de amor** que Freud vai poder ir pensando a diferença entre a situação hipnótica e a situação analítica. E o faz do seguinte modo:

1) Se o analista deve evitar nessa situação ser tomado pela transferência recíproca, é porque se manteria ali numa situação especular de continuidade, no eixo da demanda. Isso igualaria a situação analítica à hipnose.

2) Pelo contrário, será a manutenção do lugar da abstinência que abrirá um espaço possível para a análise. Não se trata, esclarece Freud, só da abstinência sexual, mas, sim, da não resposta à demanda. É essa não resposta que permitirá subsistir no analisando a necessidade e o desejo como forças impulsoras que permitirão continuar o trabalho analítico.

3) O analista, ao manter-se no lugar daquele que conserva a transferência como algo a ser atravessado para remetê-la às origens inconscientes, permite o levantamento da repressão e a possibilidade de expressão do fantasma do desejo, descobrindo os fundamentos infantis do amor.

Retomemos então a questão da estrutura narcísica da transferência. O analisando inicia sua análise — como diz Freud — procurando uma cura por amor — isto é, colocando o analista no lugar do ideal e fazendo-o portador de todas as perfeições e demandando-lhe o seu amor. O que está fazendo é, por meio da idealização, escapar da proximidade com os avatares do próprio desejo, pois isso o levaria a ter que se haver com os limites intransponíveis do sujeito

humano: a diferença entre os sexos, a morte e a contradição entre as instâncias psíquicas.

Há, na cura analítica, uma estrutura narcísica que funciona como base da sugestibilidade, ou seja, da possibilidade de influência da palavra do analista sobre o analisando e, portanto, indispensável para a existência da análise. Mas que o analista seja colocado no lugar de ideal de ego não quer dizer que nele tenha de se manter. São as próprias condições da situação analítica (abstinência — associação livre e interpretação) que abrem na

A saída da psicologia coletiva para Freud se dá com o surgimento do primeiro poeta épico que se dá com o surgimento do primeiro poeta épico que se separa da multidão através da construção do mito.

análise um espaço para repetir, recordar e elaborar.

Em "Psicologia das Massas", Freud diz que a saída da psicologia coletiva (referindo-se à horda na qual o pai primitivo é o ideal, e esse ideal domina o indivíduo substituindo seu ideal de ego) se dá com o surgimento do primeiro poeta épico que se separa da multidão através da construção do mito, no qual expressa os desejos irrealizados a respeito do pai primevo.

Na situação analítica, de modo similar aconteceria a abertura de

um espaço no qual o analisando, na reconstrução do próprio mito edípico, na reatualização de sua vida fantasmática, no pôr em jogo o infantil nos sonhos, vai produzindo um desligamento dessa estruturação narcísica, desses substitutos de pais primitivos e reencontrando, ao mesmo tempo, ideais mais possíveis nele próprio.

Mas, para que isso aconteça, o analista tem que poder não virar hipnotizador.

Vamos pensar em dois momentos clínicos de Freud:

1) 1899 — Freud hipnotizador atende a Emmy de N. Num tratamento combinado de banhos, massagens e sessões nas quais, pondo o dedo na frente dos seus olhos, lhe ordena: "Durma". Ela cai num sonho hipnótico durante o qual Freud a convida a falar de suas lembranças sobre um tema. E, mediante ordens sugestivas, vai tentando apagar as marcas das cenas aterrorizantes, das alucinações zoológicas e fazê-la desistir das idéias delirantes.

O campo, na sua totalidade, é o da sugestão. A marcante presença de Freud é reforçada pela pressão na frente. Essa evidentemente reforça o efeito da sugestão funcionando como um equivalente do suporte amoroso.

A falta de paciência leva Freud a uma atitude insistente, pressionadora, interrogativa, em que mesmo a pressão violenta se justifica para arrancar de Emmy seus segredos.

A manutenção da autoridade é priorizada, e faz-se qualquer coisa para evitar o seu fracasso. Num momento no qual Emmy se queixa de dores no estômago e acusa Freud por tê-la mandado tomar determinada água, ele lhe diz: "Você tem 24 horas para refletir e convencer-se que suas dores são consequência do medo. Terminando esse prazo, lhe perguntarei se mudou de idéia e, se

não for assim, não a atenderei mais". (Pág. 75 - Vol. I)

No momento em que Emmy se queixa de não estar obedecendo a suas sugestões tão docilmente como antes, decide convencê-la do contrário e, durante a hipnose, lhe diz que no almoço ela solicitará a Freud que lhe sirva vinho no seu copo, mas depois dirá que não o quer. Levará a mão ao bolso e encontrará um papel onde tudo isso estará escrito. As coisas acontecem como antecipadas na situação hipnótica, com o que a autoridade de Freud é recuperada.

A questão do olhar reafirmada por Freud como central na situação da hipnose parece tentar estabelecer a continuidade entre dois corpos, o do hipnotizador e do hipnotizado, que se encontram num olhar sustentado. Essa continuidade entre os corpos é expressão de uma outra, a da unidade narcisista.

Se, por um lado, o olhar marca a continuidade do encontro, por outro fixa o hipnotizado na pessoa do hipnotizador, que se converte no ponto único de mira. Ao contrário, na análise, o fixo se apresenta na resistência.

Porém, é a própria Emmy que começa a abrir brechas no campo da sugestão. Num momento do processo, enfrenta a insistência interrogativa de Freud, dizendo-lhe: "Você não deve ficar me perguntando de onde procede isso ou aquilo e, sim, deixar-me relatar o que eu desejo". É como se nessa frase Emmy separasse a mão de Freud de sua frente e solicitasse um espaço possível para seu próprio desejo. Frase que é, portanto, de recusa de uma presença exagerada, de denúncia de um desejo de Freud — o de domínio — e ao mesmo tempo de indicação para ele de um lugar — o da escuta atenta.

Vamos agora a um segundo momento na clínica de Freud —

1914: "Uma neurosis infantil — o Homem dos Lobos".

Nesse espaço de tempo, de 1889 a 1914, muitas coisas aconteceram. Em termos da teoria, os eixos de conflito tornaram-se mais complexos: as pulsões entre si, o masculino e o feminino, o desejo e a repressão, o inconsciente e o consciente, o narcisismo e a castração e assim por diante. Quanto à clínica, a associação livre se impôs. A transferência é, então, o campo no qual se travam todos os conflitos.

A análise do jovem russo é talvez a melhor mostra do traba-

Freud, ao responder a demanda, re-instaura uma continuidade especular, que deixa ambos aprisionados numa estruturação narcisista.

lho de filigrana de reconstrução numa análise.

Em três momentos do relato clínico, Freud usa o termo transferência (Le Guen). Em um deles, transferência tem o sentido de deslocamento entre duas cenas: pouco tempo antes do sonho, a criança fora levada várias vezes para visitar as manadas, quando então pôde ver os cachorros brancos de grande porte e possivelmente no ato do coito. Na noite do sonho, um deslocamento da marca mnêmica do coito dos cachorros sobre a cena dos pais deitados na

cama provoca intensos afetos.

Num segundo momento, refere-se à transferência como repetição: "No quarto no qual acontecia o tratamento havia um relógio na frente do paciente que se encontrava deitado sobre o divã, ficando este quase de costas para o lugar que eu ocupava. Estranhei ao perceber que o paciente voltava a cabeça durante a sessão, como querendo dá-la por finalizada. Após um tempo, ele lembrou que o menor dos sete cabritinhos se escondia na caixa do relógio, enquanto as irmãs eram devoradas pelo lobo. Queria pois dizer-me: seja bonzinho comigo. Acaso devo ter medo de você? Será que você me comerá? Terei que fugir de você e me esconder como o cabritinho mais jovem na caixa do relógio?" (Pág. 1.961. Vol.II). Ganha forma então seu lugar de passividade diante do pai, que só pode expressar o amor oralmente, no ato de comê-lo.

Porém, é o terceiro momento que me interessa comentar. A análise do Homem dos Lobos prolonga-se por quatro anos e meio (fevereiro de 1910 — julho de 1914).

No final do quarto ano, Freud resolve determinar um tempo e então interrompê-la. Baseia sua decisão no fato de que o paciente se mantivera, durante muito tempo, numa atitude de indiferente docilidade: "Temia tanto uma existência responsável e independente que isso compensava o que era incômodo em sua enfermidade. Só encontramos um caminho para dominá-lo. Tive de esperar até que a ligação com a minha pessoa fosse bastante intensa. Então pus em jogo um fator contra o outro, coloquei um prazo para finalizar. Sob a pressão inexorável da solicitação premente, as resistências cederam e a análise proporcionou, num prazo curto,

todo o material que permitiu a solução de suas inibições e a supressão dos seus sintomas. Nesse último tempo de análise, a resistência desapareceu temporariamente, e o enfermo produziu-nos a impressão de uma lucidez que normalmente só se consegue na hipnose” (Pág. 1.943. Vol.II).

É suficiente ler com atenção esses parágrafos, para perceber-se que os termos usados são os mesmos que os da época da hipnose: domínio, pressão, solicitação premente, arrancar os segredos. Se pensarmos no efeito produzido — que Freud mesmo relaciona com os efeitos da hipnose —, podemos dar-nos conta de que se trata nesse momento clínico: impera a sugestão. Freud, a partir do lugar de ideal do ego, exerceu um ato de sugestão. É como se, pela passividade, o Homem dos Lobos tivesse solicitado a Freud “colocar a mão na sua frente”. É como se Freud, ao responder a demanda, tivesse re-instaurado uma continuidade especular, deixando ambos aprisionados numa estrutura narcisista.

Em 1926, o ‘Homem dos lobos’ começa uma nova análise com R. M. Brünswick. Uma idéia fixa hipocondríaca — a de ter um buraco em seu nariz — o faz percorrer um circuito sem saída entre o nariz, o espelho e o bolso. É um círculo infinito de visitas a dentistas e dermatologistas, que nada mais são que um circular sem saída pela superfície interna do véu (envolvimento na relação narcísica com a mãe) e no qual estava preso em uma identificação marcada na frase: “Assim me é impossível viver”.

A. M. Brünswick pensa que a fonte da nova enfermidade é o resíduo não resolvido da transferência com Freud: “Ocupamo-nos inteiramente de um resíduo da transferência com Freud. Naturalmente, em função desse resí-

duo, o paciente não se achava completamente liberado de sua fixação no pai; mas, a causa da ligação existente não era a presença de material inconsciente, mas o fato de que a própria transferência não havia sido completamente elaborada”.

É na transferência que o apego ao pai se reatualiza. Mas Freud propõe um fim para essa análise, e R. M. Brünswick afirma: “Como analista podemos estar de posse total dos fatos históricos da enfermidade, mas não podemos saber que grau de elaboração é requerido ao paciente para sua cura.”

Evidentemente o seguimento do texto vai delineando a diferença entre a rememoração e a elaboração e colocando a fixação de um prazo de término da análise como um fechamento do espaço de elaboração.

“A pressão pode fazer aparecer, em alguns casos, todo o material, mas é possível imaginar que o não acesso, que necessita da fixação de um limite de tempo, freqüentemente utilizará esse limite para seus próprios fins. Parece ter sido esse o caso do homem dos lobos.”

Citando Le Guen: “A recordação, junto com o que implica de representação verbal, de discurso organizado e até de narrativa, é só um meio entre outros e, sem dúvida, o mais superficial, de habitar a própria história.”

O processo de reconstrução e elaboração em uma análise é a tentativa de encontrar uma melhor forma de habitar a própria história. O tipo de presença que o analista tem nesse processo é o que vai dando, ou não, condições para a realização do trabalho. É essa presença que, ao quebrar a continuidade da hipnose na preservação do lugar da abstinência, ao distanciar-se do fixo da hipnose através da livre associação, vai permitir o constante movimento dos jogos transferenciais. Em tal

situação, o jogo de presença-ausência implica uma paciência na escuta. Porém, paciência não quer dizer desligamento. A escuta do analista é pacientemente presente e interessantemente atenta.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, S. Obras Completas. Editorial Biblioteca Nueva. Madrid, 1973.
“Estudios sobre la Histeria”.
“Psicología de las Masas y análisis del yo”.
“Introducción al Narcisismo”.
“Dinámica de la Transferencia”.
“Observaciones sobre el amor de transferencia”.
“Recuerdo, repetición y elaboración”.
“Historia de una neurosis infantil (Caso del Hombre de los Lobos)”.
“Introducción al Psicoanálisis”.
LE GUEN, Claude. “La práctica del método psicoanalítico”. Colección Psicoteca Mayor. Gedisa, 1984.
STEIN, Conrad. “O psicanalista e seu ofício”. Ed. Escuta, 1988.
BRÜNSWICK, Ruth Mack. “Suplemento a la historia de una neurosis infantil de Freud”. El Hombre de los Lobos por el Hombre de los Lobos.
Ed. Nueva Visión. Bs.As., 1971.
VIDERMAN, Serge. “A construção do espaço analítico”. Ed. Escuta, 1990.

Nota — Depois de ter escrito esse texto, tive oportunidade de tomar contato com um artigo de Serge Leclaire “A propósito do episódio psicótico apresentado pelo ‘Homem dos Lobos’, Psicose: uma leitura Psicanalítica, Cheim S. Ketc (org.) Ed. Escute. No artigo, o autor tenta precisar o que aconteceu no momento da interrupção da análise do Homem dos Lobos. O autor afirma que Freud, em lugar de analisar o vínculo atual, que é a transferência, atuou ao fixar um prazo. A pressão assim exercida só podia, segundo o autor, culminar num único resultado: a preservação, a qualquer preço, do vínculo transferencial que liga a Freud. O fato de o analisando ter sentido o ultimato freudiano como uma ameaça de separação, ao modo de uma ameaça de castração primária, faz com que o objeto, o homem Freud, passasse a ser experimentado como uma parte dele mesmo.

Freud aceita se tornar o mestre real e com isso entra na cadeia sem fim do engodo obsessivo, em lugar de testemunhar a ordem simbólica.

Escreve Leclaire: “Para conservá-lo como parte de mim, dou-lhe uma parte de mim, justamente esta que você deve estar esperando, que certamente lhe dou esta cena primitiva, tão bela, tão rara, tão apaixonante, mas aprisiono-o por meio desta fábula. Sou você, mas conservo-o comigo”.